

# INVESTIGACIÓN EN PSICOANÁLISIS. UNA APUESTA CONJETURAL.

PESQUISA EM PSICANÁLISE.  
UMA APOSTA CONJETURAL.

RESEARCH IN PSYCHOANALYSIS.  
A CONJECTURAL WAGER.

Luis Vicente Miguelez  
ORCID: 0009-0009-0625-4355  
lvmiguelez@gmail.com

Fecha de recepción: 18-09-2024  
Fecha de aceptación: 08-11-2024

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**  
Miguelez L.V. (2024) INVESTIGACIÓN EN PSICOANÁLISIS. UNA APUESTA CONJETURAL.  
Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.11  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# PESQUISA EM PSICANÁLISE. UMA APOSTA CONJETURAL.

## Luis Vicente Miguez<sup>1</sup>

1 Graduado em Psicologia. UBA (1976). Psicanalista. Ampla experiência clínica hospitalar e privada. Ensino universitário. Atualmente coordena o Espaço de Pesquisa em Psicanálise. Ele é membro do grupo clínico Fragments criado por Fernando Ulloa. Ele é o autor dos livros: "Qué cura en el psicoanálisis. La clínica de nuestro tiempo" "Jugar la palabra. Presencias de la transferencia". "Astillas en el tiempo. La experiencia del psicoanálisis", "Herramientas psicoanalíticas. Interpretación. Construcción. Trabajo elaborativo. Abstinencia". "Como Freud frente al Moisés. Recuperar el valor de investigación en psicoanálisis". "Exploraciones. Un psicoanalista por los territorios del arte". Todos na Editorial Letra Viva, e inúmeras publicações em diferentes mídias no país e no exterior.

Freud fez a proposta no livro Esquema do psicanálise, que as ciências se baseiam nas observações e experiências fornecidas pelo nosso aparelho psíquico e sabemos da importância que tem no psiquismo a dimensão inconsciente. Em outro texto iluminador, como é Construções em psicanálise, sustenta que o trabalho de maior significação em um análise, consiste na construção ou reconstrução do esquecido a partir dos indícios que este tem deixado atrás de si. E conclui que não devemos dar-lhe a cada construção outro valor que aquele de uma suposição que aguarda um exame, sua confirmação ou desestimação.

A ferramenta principal com a qual contamos os analistas no nosso trabalho, seja tanto clínico quanto de investigação sobre a cultura do nosso tempo presente e passado, é o inconsciente. Isto significa poder utilizar o inconsciente como lanterna que ilumina a escuridão.

Aquilo que na história da psicanálise tomou o nome de transferência-contra-transferência e que hoje assumimos como motor necessário de uma cura, sempre que esta última não seja confundida com uma resposta especular aos sentimentos do paciente, é o modo de fazer do espaço comum onde se desenvolve a neurose, um acontecimento "entre", onde o inconsciente do paciente encontra a maneira de aparecer entrelaçado com aquele do analista

É uma questão que obriga o analista, não renunciar à própria constante interrogação sobre sua pessoa.

Assim a interpretação psicanalítica que faz ouvir o reprimido no relato de um paciente tem sua origem nesse entrecruzamento inovador que é o diálogo analítico, onde não se sabe tudo aquilo que se pensa nem se pensa tudo aquilo que se sabe. Acontece nesse espaço que denominamos campo de interseção de aquilo que se diz ou se mostra e aquilo que sai ao encontro. É assim que mediante este intercâmbio inédito se atinge fazer luz sobre aquilo que se oculta detrás de uma memória seletiva ou de uma lembrança encobridora e que constitui a peça fundamental do quebra-cabeça individual que não consegue armar o paciente.

Por quê então não utilizar o mesmo método para a investigação de obras culturais presentes ou antigas, de criações coletivas ou individuais, de costumes e de novidades sociais ou de aquilo que nos interroga da subjetividade atual?

Assim como em um tratamento a gente se submerge na vida de um paciente e experimenta, mediante aquilo que denomino ressonância psicanalítica, o que permanece inconsciente e que envenenou e traumatizou sua vida, podemos submergir também em uma obracultural e aproximar-nos a aquilo que lhe deu nascimento, às forças inconscientes que seguem agindo no presente. Não mais como no caso do paciente para ajudá-lo a intervir na sua doença e procurar sua cura, mas para contribuir ao conhecimento de aquilo que aparece aos nossos olhos como sintoma cultural, como mistério ao qual nos temos acostumado, tanto que já não interrogamos.

Fazer o que Freud denominou mal-estar na cultura matéria de investigação psicanalítica está, na minha opinião, na linha que Fernando Ulloa colocou no debate como necessidade de distingui-lo de deixar-se tomar por uma cultura do mal-estar. Significa entrar nodiálogo analítico com aqueles acontecimentos culturais de maneira que nossa subjetividade lesada por eles faça de caixa de ressonância. É dizer, que aquilo que na subjetividade de nosso tempo permanece enterrado, oculto ao nosso conhecimento, possa começar a vislumbrar-se mediante a exploração analítica. Freud comparava o trabalho analítico com o trabalho do arqueólogo que lê nos restos de peças encontradas, os signos que lhe permitem reconstruir a história enterrada. Esta tarefa é levada a bom termo se esse pesquisador na sua busca não se deixa influir somente pelo que sabe mas também pelo que não sabe mas suspeita.

Assumir o desafio requerimento que o material cultural faz ao analista é semelhante ao material que lhe impõe a escuta do sintoma de um paciente. O leva a dirigir sua atenção flutuante aos aspectos desconcertantes de este. Aberto ao inédito que se desliza no dito e ao dizer antigo no novo.

Neste sentido aquilo que a psicanálise tributa à investigação é algo diferente ao conhecido como método científico, onde o que se procura é garantir a objetividade do descoberto. Aquilo que o método psicanalítico oferece é uma aproximação à questão de maneira diferente. A introdução da dimensão do inconsciente no trabalho investigativo sobre acontecimentos culturais contribui com um elemento substancial que é solidário com a formação dos mesmos. A descoberta tem qualidade de insight, de iluminação nova sobre velhas questões. Mais que descobrir do que se trata é de produzir novas interpretações que têm seu ponto de partida na recuperação do reprimido ou do excluído dos fatos culturais.

Tomá-los como formações do inconsciente à maneira do sonho e da piada, ilumina uma nova mirada sobre o assunto. Trata-se menos de conferenciar sobre eles que de permitir que o silenciado neles se possa escutar.

Desta maneira, a investigação analítica sem descuidar o tratado desde diferentes pontos de vista, desde diversas perspectivas teóricas, procura recuperar a dimensão inconsciente nos acontecimentos culturais.

Entendo que aceitar esta direção na investigação é aceitar que nossa subjetividade participa do reprimido no social e cultural da mesma maneira que um sintoma cultural participa do reprimido no pessoal. Esta intrincação do individual e o social outorga ao psicanalista a oportunidade de trabalhar sobre o material sócio-cultural que lhe é apresentado, de maneira semelhante como o faz com um analisador. Sua escuta e exploração dos casos, sejam estes obras artísticas, sonhos, acontecimentos culturais, ritos neuróticos, delírios ou crenças filosóficas começa

colocando entre parénteses suas opiniões e juízos ao respeito permitindo que estes impactem no seu inconsciente. Trata-se mais que de seu saber sobre alguma coisa, contribuir com um grânito de areia no entendimento de uma obra humana, isto é, a dimensão inconsciente da qual se sustenta e que lhe outorga à mesma sua complexidade apaixonante. Alguém poderá objetar que, a diferença de um paciente, uma obra de arte não fala, penso no entanto que quando Freud se encontrou perante o Moisés de Miguel Ángel, este lhe falou com seus gestos. Questão que o levou a escrever seu famoso texto a partir das associações que sabemos gerou nele esse encontro, determinadas por sua história e a história de seu tempo. A outros antes ou depois seguramente lhes fale de outras maneiras, levando-os a confeccionar artigos, desenhar, pintar, compor música ou pronunciar palestras. Entendo que quando uma obra tem valor de acontecimento cultural é porque possui a virtude de gerar no observador um novo impulso criador. Estabelece contato de inconsciente a inconsciente. É a força da pulsão do criador a que se faz palavra no sujeito que se comove com ela. Investigar para a psicanálise está em estreita proximidade com uma tarefa criativa.

Assim é que a investigação em psicanálise evita cair na oposição clássica entre saber cognitivo e saber inconsciente e entre aquilo individual e aquilo social, sua articulação constitui sua aposta teórica e prática. Somos ao final de contas, rastreadores e narradores de histórias que foram enterradas em razão de convicções novas ou razoamentos proveitosos. Estas histórias sacrificadas em função de formas mentais e rígidas pautas de pensamento racional estão repletas de verdade inconsciente. Sem ela nossas produções culturais seriam como pássaros sem asas.

Referências bibliográficas

Freud Sigmund (1986) *Esquema del psicoanálisis*. Amorrortu editores. Tomo XXIII (Trabajo original publicado en 1940).

Freud Sigmund (1986) *Construcciones en psicoanálisis*. Amorrortu editores. Tomo XXIII (Trabajo original publicado en 1937).

Miguel, Luis Vicente (2019) *Como Freud frente al Moisés. Recuperar el valor de investigación del psicoanálisis*, Letra Viva.